

O Presidente Lincoln foi colhido em um cruel dilema: a Proclamação de Emancipação aboliria a escravatura, a instituição que êle mais detestava—mas poderia também destruir a União que êle jurara preservar

Abraão Lincoln e Seu Dilema

THOMAS FLEMING

NUMA MANHÃ abafada de junho de 1862, Abraão Lincoln atravessou o gramado arborizado da ala oeste da Casa Branca e entrou no pequeno prédio de tijolos onde funcionava o Ministério da Guerra. Na sala do telégrafo êle cumprimentou cordialmente Thomas T. Eckert, encarregado da estação. O Presidente e Eckert eram velhos amigos. No ano anterior êles passaram muito tempo juntos naquela sala, recebendo comunicados, em sua maioria desfavoráveis, das fren-

tes de batalha da Guerra de Secessão. Calmamente Lincoln pediu a Eckert papel e uma caneta. Disse que queria escrever “algo especial”.

“Não escreveu muito”, disse Eckert depois. “Ficava pensando e, quando se decidia, redigia uma ou duas linhas.”

Ao fim de algum tempo, deu o papel a Eckert e pediu que o guardasse na gaveta.

No dia seguinte, e diàriamente nas semanas posteriores, Lincoln voltava, pedia o papel e acrescentava

mais algumas linhas. Às vezes acrescentava apenas uma linha ou passava horas revendo o que tinha escrito.

Por fim, nos últimos dias do mês, Lincoln pareceu satisfeito. Leu o papel pela última vez, dobrou-o e guardou-o no bolso de dentro do casaco. Depois, com a confiança que depositava habitualmente nos homens simples, o Presidente disse a Eckert que tinha escrito uma "ordem" para libertar os escravos do Sul "com o intuito de apressar o fim da guerra".

Foi assim que Lincoln anunciou a um funcionário obscuro a mais importante decisão do seu governo a Proclamação de Emancipação.

Os Radicais e a Realidade. Cem anos depois é difícil compreender o sofrimento de Abraão Lincoln antes—e depois—de escrever a Proclamação de Emancipação. Durante um ano, enquanto os Exércitos da União sofriam derrotas, êle fôra pressionado por líderes religiosos e pretensos moralistas para adotar uma política de abolição. Inúmeras delegações tinham marchado à Casa Branca para apresentarem resoluções antiescravistas. Cansado, o Presidente procurava explicar a cada uma que êle também detestava a escravidão, mas que não julgava prudente nem corajoso fazer da abolição a finalidade principal da guerra.

A reação do Presidente enfurecia os abolicionistas mais radicais. O ferino Wendell Phillips, orador e reformador, chamou Lincoln de "perfeito exemplar de homem medíocre" e "tartaruga". William Lloyd Garri-

son, um dos fundadores da Cruzada Abolicionista, classificou-o de "nada mais que um trapo molhado".

Não há dúvida que Lincoln detestava a escravidão. Na sua mocidade, ao ver pela primeira vez a venda de negros em Nova Orléans, sentiu uma repulsa instintiva. "Se algum dia eu tiver oportunidade de atacar isso, atacarei sem piedade", disse êle.

Mas Lincoln nunca esqueceu que um político devia enfrentar as coisas como elas são. A Constituição havia legalizado a escravidão nos Estados Unidos. Os Pais da Pátria, na sua urgente necessidade de forjar uma nação de 13 Estados largamente divergentes, tinham adotado essa solução de transigência esperando que a instituição se estiolasse no Sul, como já estava acontecendo no Norte. Como Presidente, Lincoln fizera o juramento de manter essa Constituição, e estava empenhado numa guerra porque os Estados do Sul se haviam revoltado contra ela. Além disso, a União era apoiada pelos Estados de fronteira de Kentucky, Misúri, Tennessee, Maryland e Delaware, onde a escravidão era legal e os escravos numerosos.

"Há no Exército da União 50.000 baionetas provenientes dêsses Estados de fronteira", lembrou Lincoln a uma delegação religiosa de Chicago. "Seria muito grave se êsses Estados se passassem para os rebeldes."

Nesse meio tempo a guerra continuava a ampliar-se e os Exércitos da União eram repetidamente desbaratados e derrotados em manobras.

Chegavam também más notícias da Europa. A Inglaterra precisava do algodão do Sul para as suas fábricas de tecidos e se inclinava pelo reconhecimento diplomático da Confederação Sulista. Outros governos davam sinais de querer segui-la. Vários embaixadores americanos advertiram Lincoln de que o reconhecimento só poderia ser evitado com uma esmagadora vitória militar, para impressionar os políticos europeus, ou pela emancipação, para atender aos trabalhadores europeus, fortemente contrários à escravidão.

Secessão e Insurreição. Um incidente sem maior importância no fim da primavera de 1862 revelou o crescente sofrimento mental de Lincoln. Abruptamente êle mandou um telegrama ao seu velho amigo e colega, o advogado Leonard Swett, pedindo-lhe que fôsse de Illinois a Washington. Quando Swett correu à Casa Branca, esperando ser nomeado para algum cargo no govêrno, Lincoln levou-o para a sala de reuniões do Ministério, trancou as portas e entregou-lhe três cartas. Uma era de William Lloyd Garrison, insistindo pela declaração de guerra à escravidão. A segunda era de um senador do Kentucky, advertindo que uma proclamação de emancipação induziria instantâneamente os Estados de fronteira a se separarem. A terceira era de um estadista suíço, o qual declarava que uma proclamação de emancipação seria considerada pela maioria dos governos europeus como um convite à insurreição dos escravos.

Depois que o perplexo Swett leu as cartas, o Presidente falou durante uma hora sôbre a emancipação, encarando-a sob todos os pontos de vista concebíveis. Ao fim do seu monólogo, Lincoln nem sequer pediu a opinião de Swett: limitou-se a agradecer ao velho amigo por ter feito uma viagem de trem de dois dias, e mandou-o de volta para Illinois.

Algum tempo depois Lincoln descreveu o seu estado de espírito durante aquelas semanas decisivas. "As coisas iam de mal a pior até que eu senti que tínhamos chegado ao fim da linha no plano de operações, que tínhamos jogado a nossa última carta e que teríamos de mudar de tática ou perder o jôgo." Chegou à conclusão de que a emancipação se tornara uma medida de guerra justificável, uma arma a mais na luta para salvar a União. Absteve-se de dizer se pessoalmente exultava ou tremia com o passo dado. Os próprios Estados de fronteira não podiam negar que os três milhões e meio de escravos do Sul desempenhavam um papel vital no esforço de guerra, liberando os brancos para o serviço militar. A Proclamação contribuiria para privar a rebelião dessa reserva de fôrça negra.

Em fins de julho, Lincoln convocou todo o seu Ministério à Casa Branca e calmamente comunicou-lhe a sua decisão. Ninguém discordou. Mas o arguto Secretário de Estado William Henry Seward observou que a Proclamação, se emitida logo, poderia "ser considerada a me-

dida extrema de um govêrno exausto, um grito de socorro". Seria muito mais eficaz se divulgada depois de um êxito militar. Lincoln concordou,

Vitória Amarga. Nos dois meses seguintes, enquanto os Exércitos da União iam de derrota em derrota, Lincoln teve de suportar o fogo contínuo dos ataques abolicionistas por deixar de tomar posição quanto à escravidão. Mas no dia 17 de setembro de 1862 o Exército Nortista do Potomac enfrentou as legiões de Robert E. Lee em Antietam Creek, perto de Sharpsburg, Maryland. Na jornada até então mais sangrenta da guerra, as fôrças da União conseguiram deter as fôrças confederadas e Lee foi forçado a retirar-se para a Virgínia. Cinco dias depois, Lincoln divulgou a sua Proclamação.

A Proclamação tornou-se instantaneamente um tema de controvérsias ainda mais acirradas. Atento às realidades políticas e ao seu desejo supremo de pôr têrmo à guerra, Lincoln deixou claro que se tratava de uma Proclamação "preliminar". Disse que só a 1.º de janeiro de 1863 declararia oficialmente a liberdade de todos os escravos dentro de qualquer Estado em rebelião contra os Estados Unidos.

Assinada a Proclamação. Começou então um dos períodos de maior expectativa da história americana. Vacilaria Lincoln se a guerra ou as eleições lhe corresse mal? Ficariam satisfeitos os abolicionistas extremados com o tom cauteloso e jurídico daquele documento? Iriam

os Estados de fronteira desertar?

Os abolicionistas mais sensatos correram em defesa do Presidente. Horace Greeley, redator do *Tribune* de Nova York, escreveu: "É o comêço do fim da rebelião, o comêço da vida nova da nação. Deus abençoe Abraão Lincoln." Mas, na Inglaterra, o Primeiro-Ministro, Lorde Palmerston, chamou a Proclamação de "lixo". Caíram as ações na Bôlsa e diminuíram os alistamentos em todo o Norte. As eleições de outono foram uma catástrofe para o Partido Republicano de Lincoln. O Exército da União sofreu reveses. O comandante mais incompetente do Exército do Potomac, Ambrose Burnside, lançou os seus homens num ataque frontal fatídico contra o Exército de Lee, entrincheirado nas elevações em tórno de Fredericksburg, Virgínia, e só conseguiu uma tremenda carnificina. Isso iria dissuadir Lincoln de emitir a Proclamação definitiva?

Na quinta-feira, 1.º de janeiro de 1863, o Presidente Lincoln compareceu à recepção tradicional do Dia do Ano Nôvo nos salões públicos da Casa Branca. Durante três horas recebeu e apertou a mão de centenas de pessoas, enquanto o Secretário de Estado Seward e seu filho Frederick o esperavam no seu gabinete com o texto definitivo da Proclamação.

Lincoln despediu-se do último convidado e foi direto para a sua mesa. Pegou uma pena e ficou com ela parada sôbre o documento. De repente o braço começou a tremer violentamente. Surprêso, largou a

pena e pensou estar talvez recebendo alguma mensagem do outro mundo. Depois deu uma risada em face da simples explicação: acabara de passar três horas apertando a mão de centenas de pessoas. Disse aos Seward:

—Se meu nome ficar na História, será por êste ato, no qual ponho tôda a minha alma. Se minha mão tremer quando assinar a Proclamação, todos os que examinarem o documento depois dirão: “Êle hesitou.”

Tornou a pegar na pena e disse:

—Nunca em minha vida tive mais certeza de estar fazendo o que é certo do que agora, ao assinar êste papel.— Assinou lenta e firmemente: “Abraão Lincoln.” Levantou a vista, sorriu e disse:—Pronto.

Uma Raça Liberta. Nas cidades do Norte grandes multidões esperavam a notícia. No Templo de Tremont, em Boston, Massachusetts, o ex-escravo Frederick Douglass relatou os momentos finais em palavras inesquecíveis: “As oito, as nove e as dez horas chegaram e passaram sem notícia. Uma sombra parecia cair sôbre a multidão que esperava, e as confiantes afirmações dos oradores procuravam em vão dissipá-la. Afinal, quando a paciência estava quase esgotada e a expectativa se transformava em apreensão, um homem avançou por entre a multidão e com o rosto iluminado pela notícia que trazia exclamou em um tom que emocionou todos os corações: ‘Já vem aí! Já está no telégrafo!’”

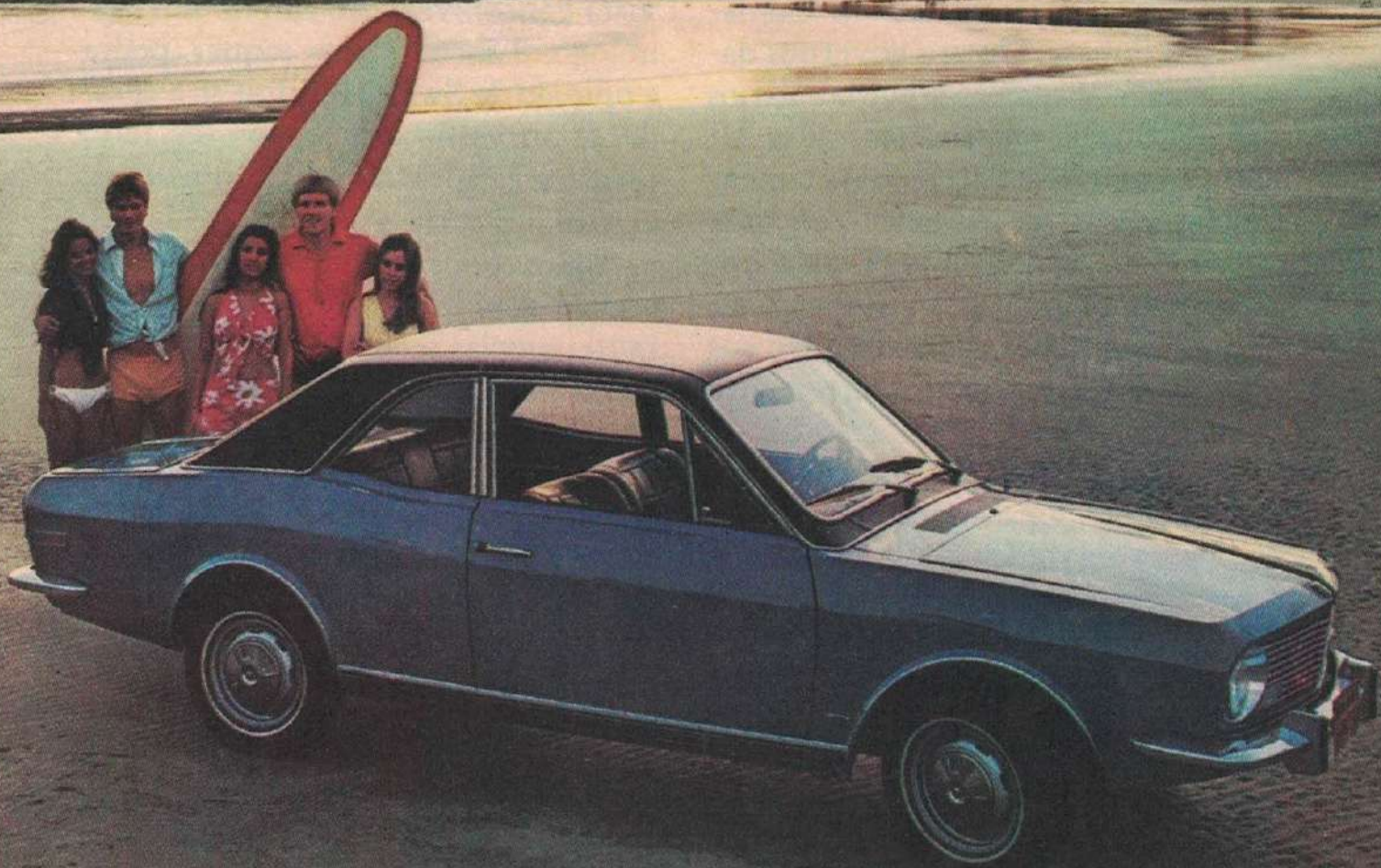
Uma enorme agitação impulsinou a multidão. Um ministro negro

se levantou e começou a cantar acompanhado em côro pelos presentes:

Tocai alto o tamborim sôbre o mar negro do Egito/Jeová triunfou, o seu povo está livre.

Uma comemoração menos divulgada se realizou na Ilha de Port Royal, perto da costa da Carolina do Sul: o Coronel Thomas Wentworth Higginson recebeu a bandeira do primeiro regimento negro do Exército da União. Quando o ministro que levava a bandeira acabou de falar, os negros presentes à cerimônia começaram a cantar espontaneamente: “Pátria, É de Ti”. “Parecia”, disse Higginson, “que a voz sufocada de uma raça era afinal sôlta.”

Quase todos os receios manifestados por aquêles que se opunham à Proclamação se revelaram infundados. Os Estados de fronteira continuaram fiéis. Houve algumas deserções no Exército da União, mas foram logo substituídas por dezenas de milhares de negros. A maré da guerra mudou. No verão de 1863 veio a vitória de Gettysburg, Vicksburg foi tomada e os Exércitos Confederados começaram a bater em retirada em quase tôdas as frentes. “A paz já não parece tão distante”, disse Lincoln. “Espero que não demore e seja permanente, uma paz que valha a pena ser mantida por todo o futuro. Ficará então provado que, entre homens livres, não pode haver êxito em abandonar o voto para recorrer às armas, e que os que assim procedem perderão infalivelmente.”



Um Cupê para quem tem amigos.

Dentro do Corcel Cupê você leva a vida.
E leva os amigos. Com todo o conforto de um carro grande.

Dentro do Cupê todo mundo fica mais jovem. É emocionante de dirigir. Sentir a potência da máquina. Entrar nas curvas sem perda de estabilidade. Frear com a segurança dos freios a disco.

A tração dianteira aproveita totalmente a força do motor. A suspensão é superdimensionada. Tudo isso faz do Corcel Cupê um carro esportivo. Mas do tamanho que deve ser um carro esportivo.

E com tantas vantagens, o Corcel Cupê nem tem obrigação de ser econômico. Mas é: faz mais de 12 quilômetros com um litro de gasolina.

O motor é dianteiro. Segurança para todos. O radiador selado garante uma refrigeração perfeita. Não ferve nunca.

E você só vai precisar trocar a água depois de 30.000 km ou de dois em dois anos.

O Corcel Cupê leva a garantia Ford.

CORCEL 

Teto de vinil opcional.

Você também poderá adquirir o Corcel Cupê através do Consórcio Nacional.